



**DESDOBRAMENTOS DA PANDEMIA DA COVID-19: EXPECTATIVAS
ECONÔMICAS E SOCIAIS**

**DEVELOPMENTS OF THE COVID-19 PANDEMIC: ECONOMIC AND SOCIAL
EXPECTATIONS**

Leonardo de Oliveira Dresch

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil
adm.leonardo.dresch@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7161-9693>

Mayra Batista Bitencourt Fagundes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil
bitencourtmayra@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3961-2330>

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil
adriano.figueiredo@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-3677-1291>

Resumo

Em dezembro de 2019, os casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, oriundos de um novo coronavírus, levaram à declaração da pandemia da Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde. Seus desdobramentos estão em curso e já trazem mudanças sociais e econômicas significativas, com grande insegurança sobre o futuro e o rearranjo econômico e social no Brasil e no mundo. O presente trabalho objetiva analisar as expectativas socioeconômicas acerca das consequências da pandemia para o Brasil, bem como as transformações e desafios decorrentes. A pesquisa bibliográfica e documental foi aliada à aplicação de 41 questionários com membros da SOBER (Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural), com uso de escala *likert* e nuvem de palavras. A amostra definida foi não probabilística, por conveniência, composta por especialistas voluntários, com perfil qualificado, seja profissional e/ou acadêmico. Os resultados apontam que setores cuja expectativa de maiores impactos negativos são: Alojamento e Alimentação; Educação; e, Artes, Cultura, Esporte e Recreação. As principais

preocupações e transformações esperadas estão relacionadas ao desemprego/trabalho, desigualdade e pobreza, predominando percepções negativas e pouco otimistas.

Palavras-chaves: pandemia da covid-19 , expectativas , impactos sociais e econômicos.

Abstract

In December 2019, pneumonia cases in the city of Wuhan, China, resulting from a new coronavirus, led to the declaration of the Covid-19 pandemic by the World Health Organization. Its developments are ongoing and already bring social changes and significant economic ones, with great insecurity about the future and the economic and social rearrangement in Brazil and in the world. This paper aims to analyze socioeconomic expectations about the consequences of the pandemic for Brazil, as well as the resulting changes and challenges. The bibliographical and documental research was combined with the application of 41 questionnaires with members of SOBER (Brazilian Society of Economics and Rural Sociology), using the Likert scale and word cloud. The defined sample was non-probabilistic, for convenience, composed of volunteer specialists, with a qualified profile, whether professional and/or academic. The results show that sectors expected to have the greatest negative impacts are: Accommodation and Food; Education; and, Arts, Culture, Sport and Recreation. The main concerns and expected transformations are related to unemployment/work, inequality and poverty, with negative and less optimistic perceptions predominating.

Keywords: covid-19 pandemic , expectations , social and economic impacts.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a China identificou um novo coronavírus, mais tarde denominado como Sars-Cov-2 (síndrome respiratória aguda grave – coronavírus 2) com a capacidade de infectar humanos através de contato direto, indireto ou proximidade por meio do contato com secreções respiratórias, como gotículas e saliva (OPAS/OMS, 2020). A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, no dia 11 de março de 2020, pandemia da Covid-19, doença ocasionada pelo vírus. O evento está em curso e os reais impactos no Brasil e no mundo ainda são desconhecidos, mas as mortes, afastamentos e medidas de contenção da

doença modificaram drasticamente as perspectivas de normalidade já sendo discutido um “novo normal”.

Os impactos nas relações globais e locais oriundos da pandemia e do distanciamento social mergulharam a economia mundial na pior recessão desde a segunda guerra mundial (*World Bank*, 2020a). Suscitam discussões em muitas questões relevantes, como no aumento do desemprego, ampliação do teletrabalho e trabalho precarizado, educação a distância, papel do Estado na saúde, programas de auxílio emergencial e renda mínima, falta de redundância em cadeias globais de produção, entre outras. A pandemia, possivelmente, será o catalisador de uma série de mudanças de ordem geopolítica global que, por sua vez, influem sobre as realidades locais (*World Bank*, *op. cit.*; Brodeur *et al.*, 2021; Brodeur, Grigoryeva & Kattan, 2021).

Segundo Dweck, Rossi e Oliveira (2020), a pandemia atingiu o Brasil em meio à aplicação de uma agenda de reformas centrada na austeridade fiscal e na redução do papel do Estado na economia. O gasto público, visto como um grande problema, passou a ser um quase consenso entre os economistas. Entretanto, com o passar do tempo, se instalou na esfera política e pública uma discussão dicotômica colocando as ações contra a pandemia como contrárias à recuperação econômica.

O aumento do risco, próprio da pandemia e seus desdobramentos no mundo, é potencializado no Brasil de forma singular com a disseminação de remédios sem comprovação científica, desestímulo às recomendações da OMS, relativizações da real gravidade da doença, advento de movimentos contra vacina entre outros elementos que provavelmente atribuirão ao Brasil um status de estudo de caso. O problema que este trabalho buscou investigar é: qual é a percepção dos brasileiros, representados pelos membros da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), acerca dos desdobramentos econômicos e sociais da pandemia no Brasil e no mundo?

Isto posto, objetiva-se analisar as expectativas econômicas e sociais acerca das consequências da pandemia no curto, médio e longo prazo para o Brasil, bem como as transformações e desafios decorrentes. Especificamente, objetiva-se: a) descrever o contexto dos avanços da Covid-19 no Brasil; e, b) verificar as expectativas quanto aos desdobramentos econômicos e sociais da pandemia no Brasil.

O contexto deste artigo é a coleta de dados no mês de setembro de 2020, cerca de 7 meses após declarada a pandemia e 10 meses após os primeiros casos registrados. A redação considerou privilegiadamente o conhecimento adquirido até janeiro de 2021. Inúmeros novos acontecimentos marcaram a trajetória do fenômeno, como por exemplo a designação de letras

do alfabeto grego para facilitar as discussões sobre as variantes da Covid-Sars-2 (Estadão, 2021), o avanço da variante Delta no Brasil e no mundo, bem como a ampliação da cobertura vacinal que, em dezembro de 2021, no Brasil, já chega a mais de 136 milhões de pessoas totalmente imunizados (com duas doses ou dose única), o equivalente a 64,07% da população (G1, 2021). O contexto mais confortável no Brasil contrasta com uma nova onda da Covid-19 na Europa, que gerou *lockdown* na Áustria e graves problemas na Alemanha, e com a proliferação acelerada da variante Ômicron, recém descoberta na África do Sul, que levaram os governos estaduais a rediscutir e adiar medidas de relaxamento como desobrigar uso de máscara e liberação das festas de final de ano (BBC, 2021).

O trabalho não almeja esgotar o assunto ou sequer o aprofundamento, mas desenvolver um panorama de como o fenômeno está se desenvolvendo e suas perspectivas gerais e setoriais. A contribuição esperada é que o trabalho forneça subsídios para discussões futuras a respeito do curso da pandemia da Covid-19 no Brasil, bem como os anseios diversos de parte da população que viveu e participou desse momento histórico. Para tanto, o artigo está organizado em cinco seções, sendo: 1) introdução; 2) fundamentação teórica (o avanço da Covid-19 no Brasil e as expectativas e os seus impactos sociais e econômicos); 3) metodologia; 4) análise e discussão dos resultados; e, 5) considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção será desenvolvido um breve panorama sobre o avanço da Covid-19 no Brasil e nas suas regiões, bem como as expectativas quanto aos impactos sociais e econômicos decorrentes.

A Covid-19 é a mais recente de uma longa série de epidemias e pandemias durante os séculos XX e XXI. Estes incluíram Ebola na África Ocidental (2014-2015), MERS no oriente Médio (2012), gripe suína (2009-2010), SARS na Ásia Oriental (2002-2003), gripe de Hong Kong (1968-1969), gripe asiática (1957-1958) e gripe espanhola (1918-1919) (*World Bank*, 2020a). Apesar de não figurar entre as mais letais, é uma das mais contagiosas entre as elencadas. A resposta política ao novo coronavírus foi sem precedentes na história, com implementação de restrições ao movimento das pessoas e as atividades econômicas, tanto que ao final de abril de 2020, quase 150 países já haviam fechado escolas e cancelado eventos e as restrições a viagens eram generalizadas (*World Bank, op. cit.*).

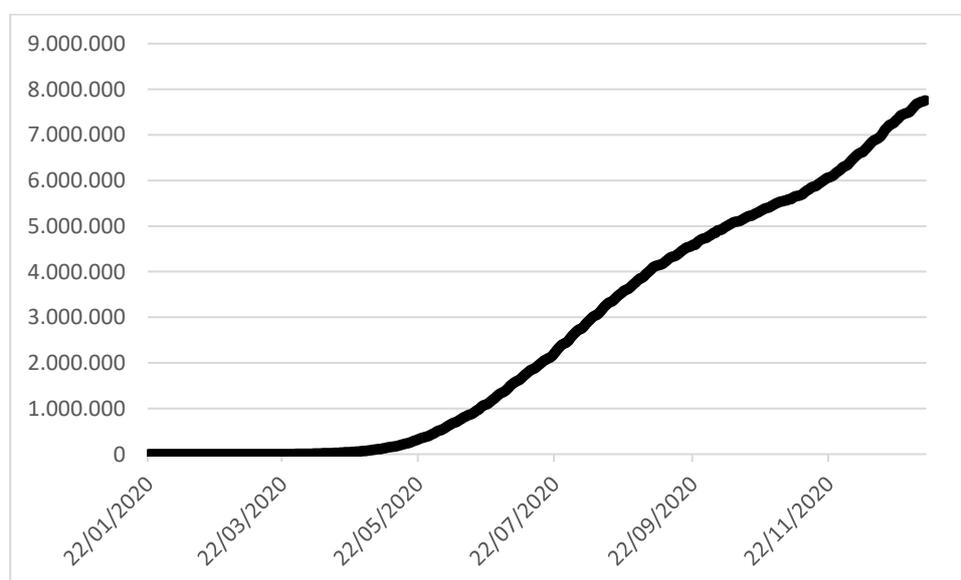
A pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil em um contexto bastante particular. O país é marcado, em sua história, por uma série de choques (internos e externos) que influenciaram os seus rumos. Em todos os choques, desde a primeira guerra mundial, o Governo Federal

buscou meios diversos para superação das crises enfrentadas. No ano de 2019, antecedendo ao novo coronavírus, a “aposta governamental consistia em criar um ambiente crescentemente favorável à retomada econômica por meio das reformas [...] [que] geraria esse ambiente favorável quase que por obra apenas das expectativas positivas que elas despertariam”. Foi nesse momento que a Covid-19 chegou ao país, tratando-se de um choque de oferta, com consequências econômicas e sociais diferentes de todos os outros choques (Amorim, 2020).

2.1 O avanço da Covid-19 no Brasil

O primeiro caso da Covid-19 foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos, morador da cidade de São Paulo que havia viajado para Itália. Conforme a Figura 1, é possível observar que um mês depois eram 2.985 casos confirmados, e, em dois meses chegaram a 63.100 (é importante ressaltar que o aumento na testagem é determinante na identificação e contabilização dos eventos). No momento da redação deste artigo (janeiro/2021), mais de 10 meses depois (314 dias), já são 7.753.752 casos notificados (Universidade Johns Hopkins, 2021).

Figura 1 – Valor acumulado do número de casos confirmados de Covid-19, Brasil, 2020 e 2021, dados diários.

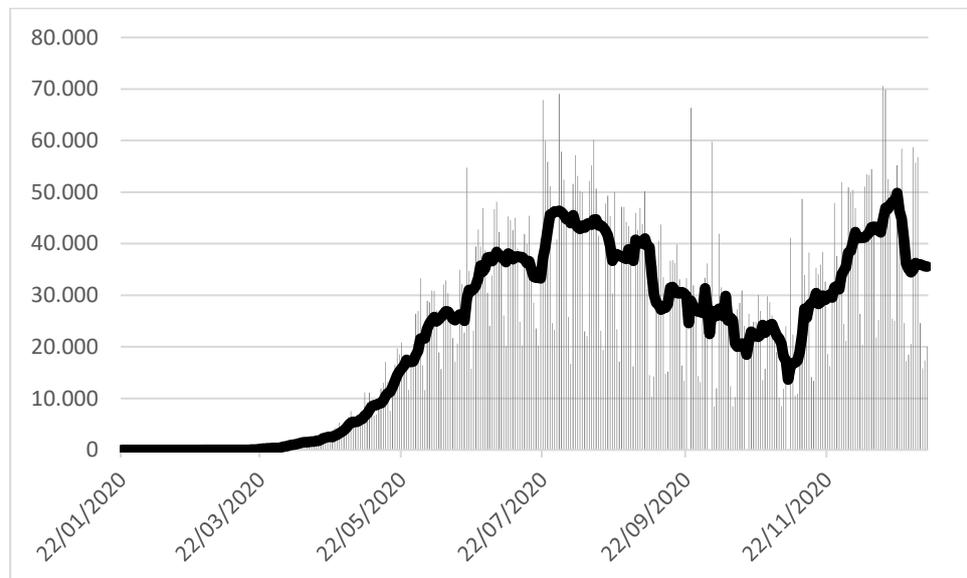


Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do *Center for Systems Science and Engineering (CSSE)* da Johns Hopkins University.

Os novos casos confirmados da Covid-19 apresentam grandes oscilações, normalmente com sazonalidade semanal, em virtude da data do registro do caso não coincidir necessariamente com a data do exame do diagnóstico, mas com o lançamento dos casos nos

sistemas. O final de semana e os feriados, normalmente, apresentam uma queda significativa de novos casos que ficam acumulados para lançamento no início da semana subsequente.

Figura 2 – Novos casos confirmados de Covid-19 e média móvel de 7 dias (em fim de período), Brasil, 2020 e 2021, dados diários.

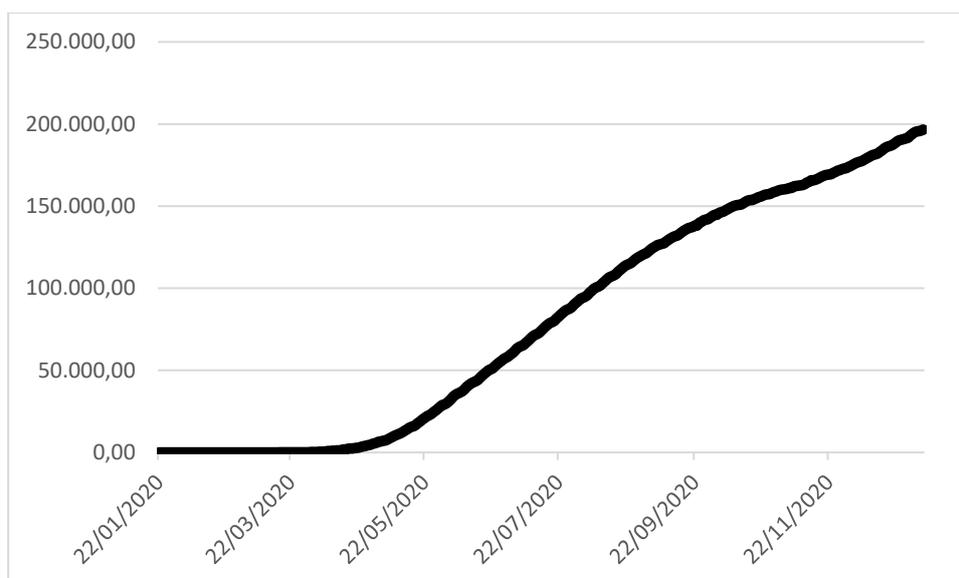


Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do *Center for Systems Science and Engineering (CSSE)* da Johns Hopkins University.

A linha da média móvel de 7 dias (em fim de período), na Figura 2, é mais adequada para análise uma vez que suaviza essas oscilações. Esta média móvel demonstrou uma tendência de crescimento dos casos até meados de agosto de 2020, quando foram registradas quedas até o mínimo em 5 de novembro do mesmo ano. Nova tendência de crescimento mais acentuada atingiu seu ponto mais alto em 22 de dezembro. A exemplo de outras pandemias, a configuração em ondas de contaminação já era esperada pelos especialistas, apesar de, no caso brasileiro, existirem disputas sobre a questão de já se apresentar uma segunda onda ou, em virtude do vale no gráfico não ser o suficientemente acentuado, a situação seja um “repique” dentro da primeira onda.

A primeira morte por Covid-19 no Brasil foi registrada no dia 17 de março de 2020, atingindo um mês depois 2.141 (Figura 3). Atualmente, 4 de janeiro de 2021, o país registra 196.561 (Universidade Johns Hopkins, 2021), ficando somente atrás dos Estados Unidos da América (EUA) em números absolutos de óbitos (OMS, 2021).

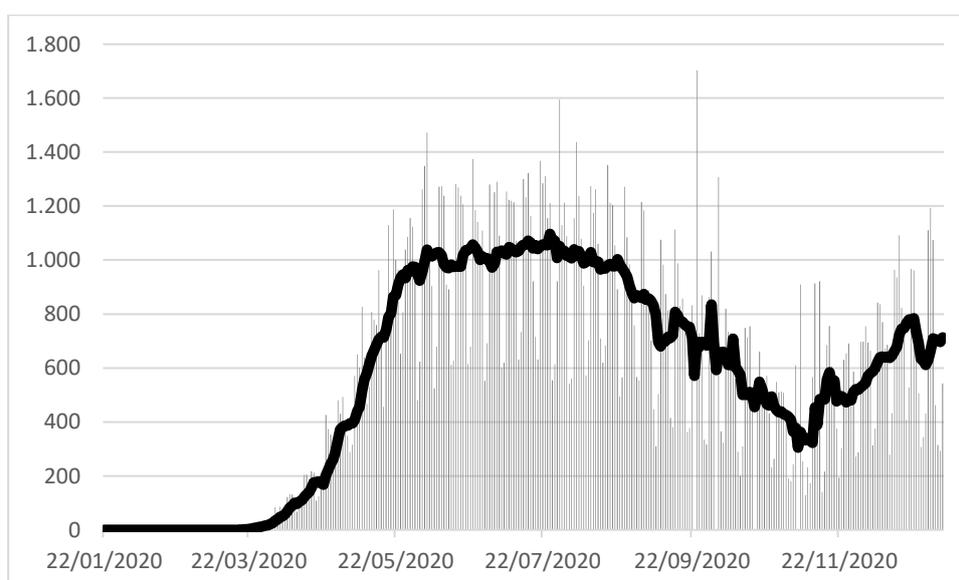
Figura 3 – Mortes acumuladas por Covid-19, Brasil, 2020 e 2021, dados diários.



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do *Center for Systems Science and Engineering (CSSE)* da Johns Hopkins University.

A oscilação das novas mortes diárias por Covid-19, tal qual acontece no registro de novos casos confirmados, está sujeita ao registro efetivo no sistema, que, inclusive, pode acontecer após o óbito e a divulgação do resultado do exame positivo. O maior registro de novas mortes aconteceu no dia 24 de setembro de 2020, com 1.703 ocorrências. (Universidade Johns Hopkins, 2021).

Figura 4 – Novas mortes por Covid-19 Brasil e média móvel de 7 dias (em fim de período), 2020 e 2021, dados diários.



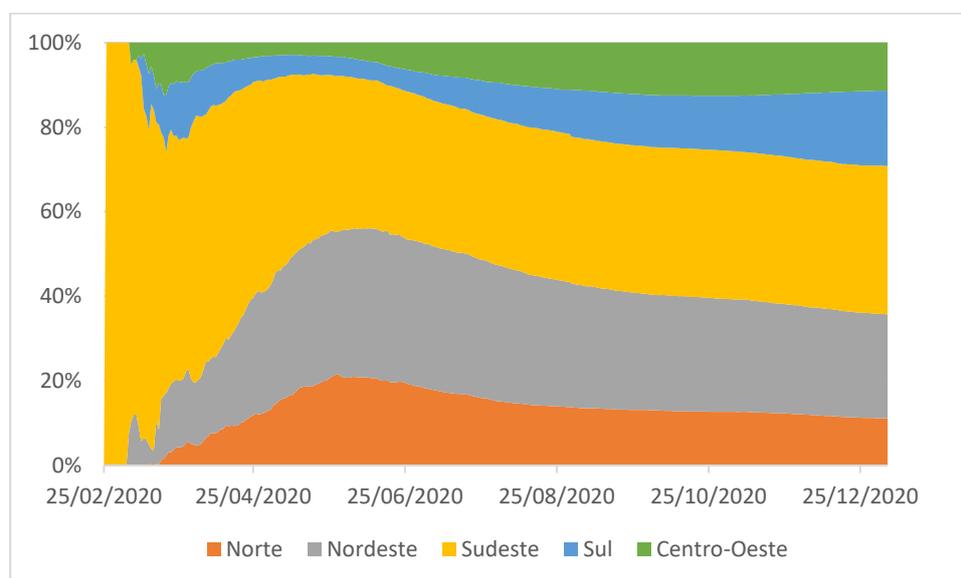
Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do *Center for Systems Science and Engineering (CSSE)* da Johns Hopkins University.

A média móvel de mortes dos últimos 7 dias, conforme Figura 4, atingiu a sua maior marca no dia 27 de julho de 2020, em meio a um platô que começou em meados de junho e foi

até o final de agosto. Uma tendência de queda persistiu até o início de novembro, quando uma nova trajetória de crescimento começou a ser registrada na série histórica em um movimento que é discutido pelos especialistas como uma possível segunda onda.

Fatores como o aumento dos recuperados dentre a população e o início da vacinação mundial, 8 de dezembro de 2020 no Reino Unido, devem interferir positivamente. Entretanto, a incidência de registros de reinfecção, bem como novas mutações no vírus são aspectos de dúvidas e incertezas. Segundo Cursino (2021) o descontrole da pandemia proporciona um ambiente propício para mutações do vírus e criação de novas cepas, a exemplo da B.1.1.7 (variante inglesa) e a B.1.1.28 (variante de Manaus), cujos efeitos na transmissibilidade, letalidade, eficiência dos testes e das vacinas ainda não é conhecido.

Figura 5 - Gráfico de superfície do total acumulado de casos confirmados da Covid-19 por região brasileira, 2020 e 2021, dados diários.



Fonte: Elaborado pelos autores com base em dados do Ministério da Saúde (MS).

Na Figura 5 é possível perceber a forma como as regiões contribuíram para o número total de casos confirmados da Covid-19. A série histórica vai do dia 25 de fevereiro de 2020, com o primeiro caso registrado na cidade de São Paulo no dia 26, até o dia 5 de janeiro de 2021. Os primeiros casos confirmados foram na região sudeste e em seguida as demais regiões brasileiras começaram a registrar ocorrências. O Sudeste e o Nordeste ficaram equiparados em número de casos absolutos na metade de junho de 2020, sendo as regiões com maiores números até o momento (janeiro/2021).

2.2 As expectativas e os seus impactos sociais e econômicos

O significado da palavra expectativa passa por “condição de quem espera para que algo aconteça” e/ou “estado de quem espera algum acontecimento, baseando-se em probabilidades

ou na sua possível efetivação”. A etimologia da palavra é francesa, do *expectative*, pela junção do verbo *expectar*, do latim "*expectare*", com o sentido de "à espera de" e do sufixo -iva (Dicio, 2021).

Existe uma popular frase acadêmica sem autor identificado que fala que a diferença entre as previsões do meteorologista e do economista é que a do primeiro não interfere no desenvolvimento do fenômeno. A economia, como ciência social aplicada repleta de argumentos positivos e normativos em seu arcabouço, tem em si a complexidade própria do agregado das relações humanas, portanto, não é uma tarefa simples a previsão dos impactos sociais e econômicos de um momento tão singular na história do nosso planeta como a pandemia da Covid-19.

As teorias econômicas, expectativas adaptativas e expectativas racionais, utilizadas principalmente para discutir e fundamentar modelos econométricos, sejam macroeconômicos ou microeconômicos, representam lampejos para reflexão. A primeira, como no método indutivo, vê como se as pessoas formassem suas expectativas de futuro com base no passado, enquanto na segunda, mais recente, os agentes econômicos utilizariam toda a informação disponível para prever o futuro da economia e antecipar as suas ações.

Um interessante conceito advento dessas discussões é o de profecias autorrealizáveis, que, segundo Simonsen (1986) é o fato que o comportamento de determinadas variáveis econômicas é afetado pelas expectativas quanto ao seu comportamento. É um conceito bem aceito por keynesianos e adeptos da economia neoclássica. A diferença entre ambos é que em Keynes existe a crença da vida própria da expectativa, enquanto nos neoclássicos elas resultam do comportamento esperado das variáveis de política econômica.

A demanda agregada de bens e serviços, modelo Keynesiano básico, é definida pela soma: i) demanda de bens de consumo pelas famílias; ii) demanda de investimentos pelas empresas; iii) demanda do governo; iv) demanda líquida do setor externo (exportações menos importações) (Vasconcellos, 2009). Expectativas negativas e incertezas desestimulam os gastos das famílias e os investimentos das empresas, em consequência a oferta agregada efetiva se adequa, reduzindo o emprego de fatores de produção, incluindo mão-de-obra. Os gastos do governo em meio a um esforço de ajuste fiscal e a necessidade de recursos em função da pandemia aos quais o Brasil não produz tornam a situação complicada tanto para os decisores políticos como para os investidores.

As expectativas quanto ao futuro da economia no pós-pandemia podem, portanto, influenciar no próprio processo de recuperação. Emergem discussões sobre a relevância do gasto público e privado neste processo, divergindo sobre qual seria o mais relevante. A redução

de incertezas e, conseqüentemente, riscos, é um elemento necessário ao incentivo do investimento e estimulador da demanda agregada por consequência. Uma visão negativa do futuro, por outro lado, é contracionista em relação à demanda e pode tornar a recuperação um processo mais lento e gradual.

3. METODOLOGIA

A pandemia ainda está em curso, portanto, a maior parte dos trabalhos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais aplicadas deve ser apresentado como pesquisa exploratória, que, segundo Collis e Hussey (2005), deve ter como foco obter *insights* e familiaridade com a área de assunto para investigação mais rigorosa num estágio superior. O objetivo é a busca por padrões, ideias ou hipóteses.

O instrumento para coleta de dados foi um questionário semi estruturado, contemplando questões abertas e fechadas, incorporado como a sétima seção em um questionário maior. As duas primeiras questões solicitaram aos respondentes a autoavaliação referente ao nível de informações acerca dos desdobramentos da pandemia no Brasil e no mundo e as fontes prioritárias dessas informações. A terceira questão contemplou as 21 seções do CNAE 2.0 (Cadastro Nacional de Atividades Econômicas) e solicitou avaliação, em escala *likert*, sobre a percepção da intensidade de impactos negativos. A quarta questão abordou a avaliação de 5 assertivas em uma escala *likert* de concordância, e as três últimas questões foram abertas, solicitando *insights* e percepções acerca dos impactos no Brasil de curto, médio e longo prazo, bem como transformações e desafios mais amplos no pós-pandemia. Para as questões abertas, fez-se um gráfico de nuvem de palavras de modo a melhorar a interpretação.

O questionário foi enviado para os membros da SOBER (Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural), uma sociedade civil sem fins lucrativos fundada em fevereiro de 1959 e constituída em 1960. A finalidade da SOBER se relaciona ao desenvolvimento das ciências sociais rurais (Administração, Economia, Extensão, Comunicação e Sociologia Rural) e suas correlatas (SOBER, 2021). Além da seleção através do vínculo organizacional, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) cuja leitura antecede o aceite ou não da participação da pesquisa, o item dois pede que o perfil de respondentes seja “profissionais e/ou acadêmicos com algum conhecimento ou experiência sobre indicadores sociais e econômicos, bem como percepção geral sobre competitividade regional e desenvolvimento”.

A amplitude do tema e as dificuldades envolvidas exigiram a busca, após imersão inicial no problema, de um grupo de respondentes que congregasse em si conveniência e valor. A amostra em pesquisa qualitativa, segundo Sampieri, Collado e Lucio, (2013 p. 402), deve ser

“determinada durante ou após a imersão inicial; pode ser adaptada em qualquer momento do estudo; não é probabilística; e, não pretende generalizar resultados”. Os autores optaram por um tipo de amostra de voluntários especialistas, entendendo que a SOBER congrega em si membros qualificados, envolvidos em sua maioria em pesquisas cuja contextualização envolve a reflexão, leitura e conhecimento acerca dos desdobramentos econômicos e sociais da pandemia da Covid-19.

O envio para os 900 membros, via e-mail, aconteceu no dia 10 de setembro de 2020 e a plataforma ficou aberta para respostas por 10 dias (até o dia 20 de setembro). Aproximadamente 65% das respostas aconteceram em até 24 horas do envio. Um dos respondentes foi desconsiderado por responder menos de 30% do total de questões. Foram, ao total, 42 questionários respondidos dentro do prazo predefinido. Destes, 41 com respostas consideradas aptas para análise.

O contexto da resposta e das percepções dos respondentes aconteceu no final do mês de setembro de 2020. O Brasil seguia em uma trajetória descendente de novas infecções diárias pelo Covid-19, bem como confirmação de mortes diárias.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

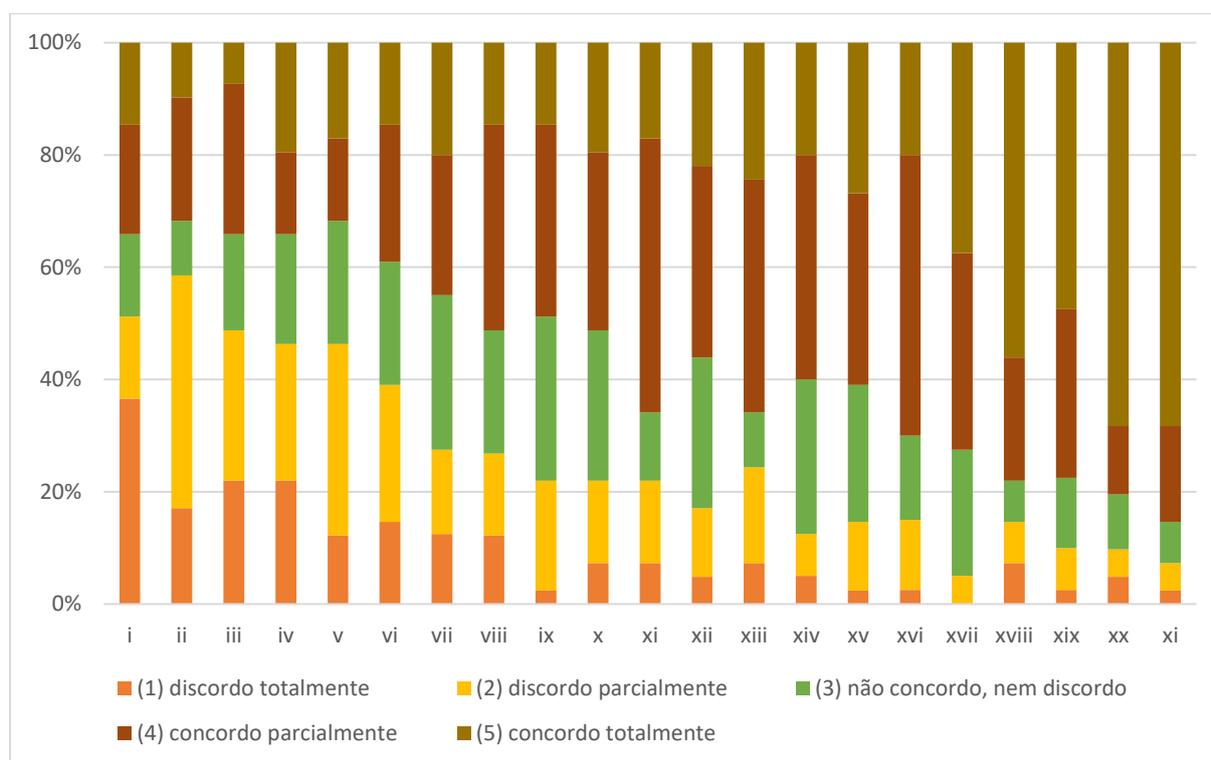
Dentre os 41 respondentes aptos, 63% afirmaram estar bem-informados sobre a pandemia e 37% se declararam mais ou menos informados. Nenhum respondente declarou desconhecer a temática ou estar mal informado. Quando questionados, em pergunta aberta, por quais meios eles se mantêm informados, 29 citaram diretamente a internet sendo 5 respondentes indicando *blogs*, redes sociais e aplicativos de troca de mensagem dentre as suas fontes.

Os 41 respondentes avaliaram, segundo suas percepções, as 21 seções da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) a seguinte assertiva "A pandemia afetará severamente e negativamente as atividades econômicas relacionadas ao setor em questão" em uma escala de 1 até 5, em que um é a total discordância e cinco a total concordância.

As seções CNAE organizadas em ordem crescente de percepção de impacto conforme a média das respostas, são: i) Informação e Comunicação (2,61); ii) Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura (2,66); iii) Eletricidade e Gás (2,71); iv) Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados (2,85); v) Indústrias Extrativas (2,90); vi) Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação (3,00); vii) Transporte, Armazenagem e Correio (3,25); viii) Construção (3,27); ix) Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais (3,39); x) Atividades Imobiliárias (3,41); xi) Administração Pública, Defesa e Seguridade Social (3,54); xii) Serviços Domésticos (3,56); xiii) Atividades

Profissionais, Científicas e Técnicas (3,59); xiv) Indústrias de Transformação (3,63); xv) Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (3,71); xvi) Atividades Administrativas e Serviços Complementares (3,73); xvii) Outras Atividades de Serviços (4,05); xviii) Saúde Humana e Serviços Sociais (4,12); xix) Alojamento e Alimentação (4,13); xx) Educação (4,34); e, xxi) Artes, Cultura, Esporte e Recreação (4,44). A Figura 6 ilustra esses resultados.

Figura 6 – Respostas acerca dos impactos negativos da pandemia da Covid-19 nas seções CNAE 2.0.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

A atividade mais negativamente afetada, segundo a percepção dos respondentes, seriam as relacionadas “artes, cultura, esporte e recreação”. O Congresso Nacional, inclusive, decretou e sancionou a Lei 14.017 (2020), de 29 de junho de 2020, conhecida popularmente como a “Lei Aldir Blanc”, no sentido de direcionar ao setor 3 bilhões de reais para ações emergenciais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública referente ao combate da Covid-19 (reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020). Também se percebeu como problemático o setor da “educação”, afetado pela suspensão das aulas presenciais, seguido de “alojamento e alimentação”, muito vinculados a viagens e deslocamentos que foram restringidos.

As atividades menos afetadas seriam as relacionadas à "Informação e Comunicação", seguidas de "Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura", bem como "Eletricidade e Gás". A pandemia acelerou o processo de digitalização de serviços, como telemedicina e a educação a distância, bem como estimulou a cultura das teleconferências e do *home office*, e as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) tiveram papel fundamental nesse processo.

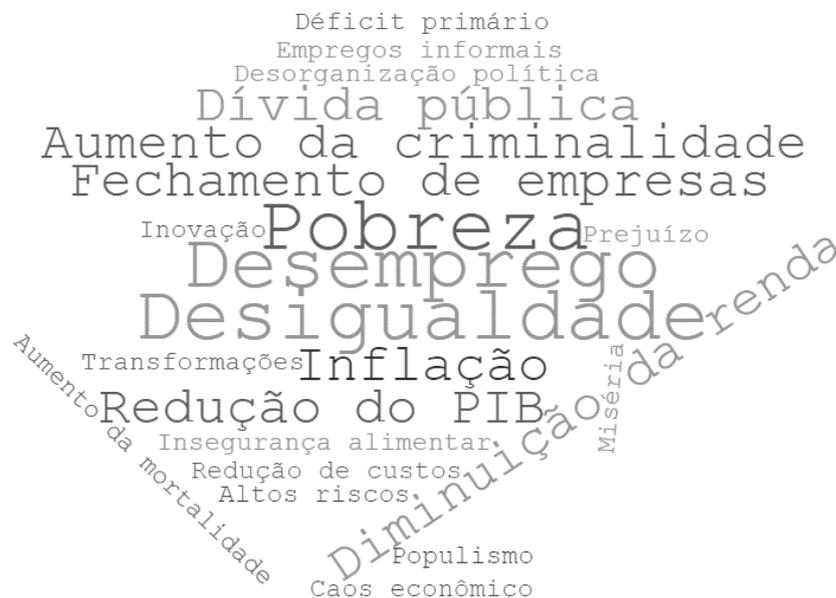
A questão 7.4 solicitou avaliação de cinco assertivas redigidas intencionalmente para gerar reflexão anterior a respostas, são elas: i) "O Brasil terá um impacto negativo no PIB maior que a média dos outros países"; ii) "O Brasil sofrerá consequências sociais menores que a média dos outros países"; iii) "A recuperação econômica e social brasileira acontecerá de forma mais célere em comparação com a média dos outros países"; iv) "A vacinação da população brasileira começará ainda no ano de 2020"; e, v) "As relações sociais e econômicas serão profundamente e estruturalmente modificadas".

Dos respondentes, 73,2% concordaram de forma parcial ou total que o impacto negativo da pandemia na produção de bens e serviços será maior no Brasil. Também foram 73,2% os que discordaram de forma parcial ou completamente que as consequências sociais no Brasil serão menores. A grande maioria, 95,1%, não acredita que a recuperação econômica no Brasil será mais rápida que nos outros países. Quanto à vacinação, abordada na quarta questão, 95,1%, equivalente a 39 pessoas, não acreditam que começará, no Brasil, ainda em 2020. Na última questão, de forma expressiva, 68,3% concordam parcial ou totalmente que as relações econômicas e sociais serão profundamente e estruturalmente modificadas.

As três últimas questões da sétima seção foram abertas e solicitaram dos respondentes perspectivas para o Brasil de impactos econômicos e sociais de curto, médio e longo prazo e transformações e desafios decorrentes da pandemia da Covid-19. As respostas foram categorizadas em expressões comuns para viabilizar o desenvolvimento de uma análise tendo por base a frequência.

A questão 7.5 foi "em sua leitura, quais os impactos econômicos e sociais a Covid-19 trará para o Brasil no curto prazo?". Foram 38 respondentes cujas diversas ideias foram aglutinadas em 29 expressões representadas na Figura 7. As maiores frequências de expectativa de impacto de curto prazo da pandemia foram, em ordem decrescente: i) Desemprego (21); ii) Pobreza (11); iii) Desigualdade (7); iv) Recessão econômica (6); e, v) Inflação (4). São expectativas de impacto majoritariamente negativos, apesar de também existirem perspectivas positivas como "sistema capitalista dará respostas a essa crise" e "haverá criatividade e iniciativas que surpreenderão".

Figura 7 – Nuvem de palavras referente as perspectivas de curto prazo em relação aos impactos econômicos e sociais da pandemia de Covid-19.



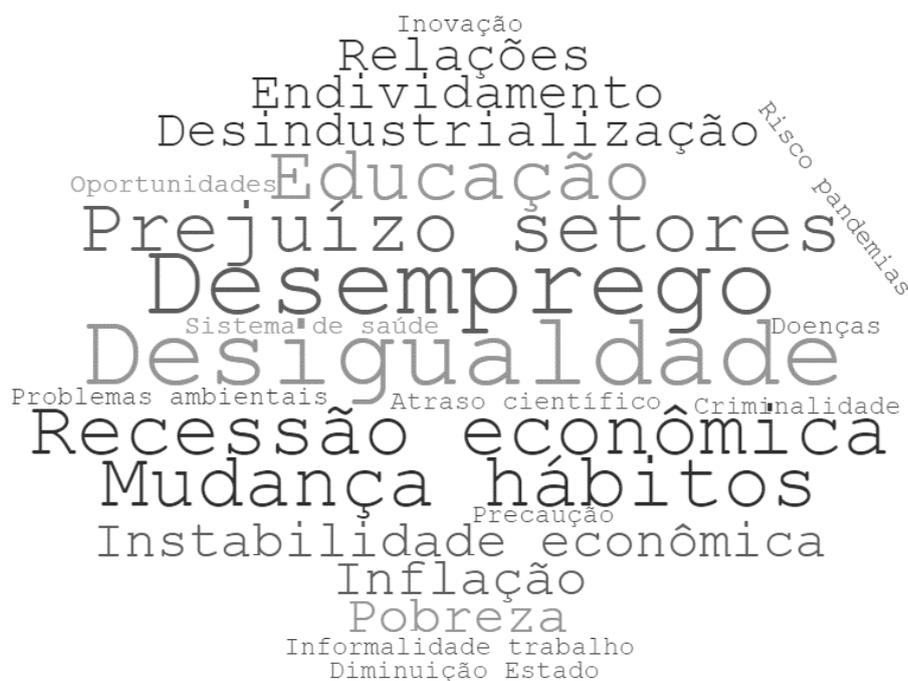
Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

O contexto de curto prazo deve levar em consideração a Lei Nº 13.982 (2020), de 2 de Abril de 2020 que instituiu o auxílio emergencial entre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do Covid-Sars-2. O benefício atende microempreendedores individuais (MEIs), contribuinte individual do Regime Geral de Previdência Social e trabalhadores informais, sejam empregados, autônomos ou desempregados, de qualquer natureza. A transferência de renda, prevista para realização em seis parcelas que vão de R \$1.200 até R \$300, tem por finalidade mitigar as intercorrências decorrentes das medidas de restrições a deslocamentos e determinadas atividades econômicas não essenciais, conforme determinações em leis estaduais e municipais.

A questão 7.6, “quais os principais impactos econômicos e sociais a Covid-19 trará para o Brasil no médio e longo prazo?” também obtiveram 38 respostas, sendo as ideias contidas nestas aglutinadas em 39 expressões representadas na Figura 8. As mais citadas, em ordem decrescente, foram: i) Desemprego (6); ii) Atraso na retomada e Desigualdade (5); iii) Educação, Prejuízo em setores e Recessão econômica (4); e, iv) Mudança de hábito (3). As questões relacionadas ao desemprego e ao futuro do trabalho aparecem tanto nas perspectivas de impactos de curto prazo, como de médio e longo também. Segundo o *World Bank* (2020b), a pandemia está acelerando e aprofundando as transformações no mundo do trabalho, que já

eram visíveis nas últimas décadas. Os principais afetados seriam os trabalhadores com baixos salários, sem educação formal e com empregos informais, que exigem contato direto com o público.

Figura 8 – Nuvem de palavras referente às perspectivas de médio e longo prazo em relação aos impactos econômicos e sociais da pandemia de Covid-19.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

A última questão da seção 7, seguindo a linha das demais, indaga os participantes da pesquisa sobre “as principais transformações e desafios decorrentes da pandemia da Covid-19?” em um foco supranacional. Foram 35 os respondentes que expressaram ideias agrupadas em 32 categorias representadas na Figura 9. As mais citadas foram, em ordem decrescente: i) Mudança de hábito e Mudança do trabalho (9); ii) Covid-19, Desemprego e Saúde (5); e, iii) Desigualdade, Digitalização, Inovação e Perspectiva (4).

Segundo o *World Bank* (2020a), através do *Perspectivas Econômicas Globais 2020*, é prevista uma contração do PIB global em 5,2%. A economia brasileira deve encolher em 8% em 2020 em virtude dos bloqueios (*lockdowns*), queda nos investimentos, distúrbios nas cadeias de suprimentos e preços globais de produtos primários mais baixos (como petróleo). A previsão é de uma recessão mais profunda que a crise financeira mundial de 2008-2009 e a crise da dívida da América Latina nos anos 1980s. O estudo destaca a necessidade de ações para mitigar as consequências da pandemia, incluindo a proteção das populações mais vulneráveis, os

desafios da informalidade e redes de proteção social, e a preparação para enfrentar eventos semelhantes no futuro.

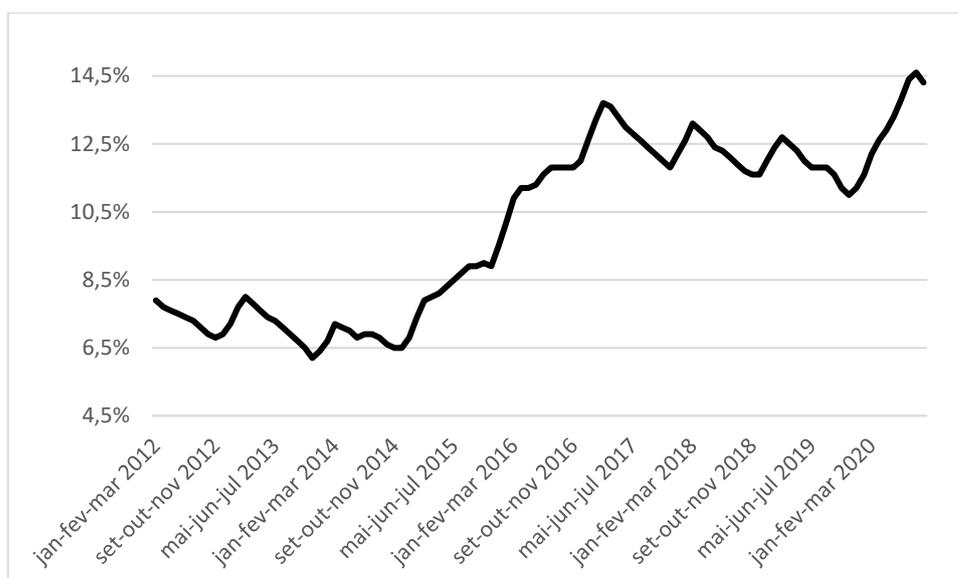
Figura 9 – Nuvem de palavras referente às perspectivas de transformações e desafios em relação aos impactos econômicos e sociais da pandemia de Covid-19.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

As transformações do ambiente do trabalho e o desemprego aparecem tanto nas percepções de curto, médio e longo prazo no Brasil, quanto na percepção de transformações e desafios no mundo. Consolida-se como a maior apreensão e incerteza em relação aos impactos da pandemia. Essa apreensão tem respaldo na realidade, uma vez que a taxa de desocupação brasileira vem em uma crescente, com 11%, no final de 2019, para o valor mais alto da série-histórica de 14,6% no terceiro trimestre de 2020 (Figura 10). Os números são ainda mais preocupantes levando-se em consideração que a metodologia utilizada pelo IBGE considera desocupados apenas os trabalhadores que procuraram emprego. Em virtude do risco à saúde, a baixa perspectiva de conseguir emprego e o auxílio emergencial é provável que esse número não represente de uma forma fidedigna a realidade.

Figura 10 – Taxa de desocupação em regiões metropolitanas conforme Pesquisa Nacional de Amostra a Domicílios (PNAD) Contínua.



Fonte: Elaborado pelos autores com IBGE – PNAD Contínua.

Segundo o *World Bank* (2021), os principais desafios para economias emergentes no curto prazo são: i) controle efetivo da pandemia, incluindo a disseminação da vacina; ii) manutenção da estabilidade do sistema financeiro em conjunto com a facilitação do crédito; iii) sustentabilidade fiscal, melhorando o fluxo de receitas internas e priorizando despesas que gerem melhores resultados em relação ao crescimento. No longo prazo deverão: i) mitigação dos danos causados ao produto potencial do país; ii) políticas para salvaguardar saúde e educação; iii) investimentos em tecnologias digitais e infraestrutura verde; iv) melhoria da governança corporativa; e, v) aumento da transparência da dívida.

5. CONCLUSÕES

O artigo abordou as expectativas econômicas e sociais acerca das consequências da pandemia setorial, e ampla no curto, médio e longo prazo no Brasil, bem como as transformações e os desafios decorrentes. Para tanto, foi elaborado e aplicado um questionário semi estruturado, incluindo questões abertas e fechadas, que obteve 41 respostas aptas.

Por se tratar de um trabalho exploratório de um fenômeno em desenvolvimento, a abordagem buscou a generalização das informações em um panorama, não objetivando o aprofundamento em nenhum dos aspectos, sejam econômicos ou sociais, da pandemia e das suas consequências.

Os setores mais negativamente afetados, segundo expectativa dos respondentes, são: Artes, Cultura, Esporte e Recreação; Educação; e, Alojamento e Alimentação. Por outro lado, os setores menos afetados seriam: Informação e Comunicação; Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura; e, Eletricidade e Gás.

Foi possível constatar que predomina uma perspectiva negativa em relação à economia e seus desdobramentos econômicos e sociais no Brasil. As maiores expectativas são, curto prazo, desemprego e pobreza, e no médio e longo prazo desemprego e desigualdade. As maiores transformações e desafios elencados referiram-se a mudanças de hábitos e no trabalho. A distribuição de renda e o mundo do trabalho são as expectativas mais citadas em todos os questionamentos realizados, portanto, aspectos prioritários de observação.

A educação é uma área que merece particular atenção pela intensidade do impacto social e econômico presente e futuro. Segundo Breslin (2021) o choque da pandemia da Covid-19 criou uma nova realidade que continuará sendo discutida inclusive em um contexto pós-pandemia, as questões aventadas pelo autor são: preocupação com o bem-estar; redução da lacuna educacional; reconfiguração do currículo e sua avaliação; crescente conectividade digital e alfabetização digital; construção de uma nova relação entre escolas, famílias e comunidades; e, criação de uma profissão educador e de um sistema escolar preparado para o amanhã, e para um mundo ainda desconhecido.

Sugere-se para trabalhos futuros estudos quanto a: i) desigualdade de renda; ii) transformações no mundo do trabalho, com foco na precarização e na incorporação das TICs; iii) políticas públicas para saúde e educação; iv) politização das questões relacionadas a pandemia e estabelecimento de um discurso dicotômico colocando enfrentamento da pandemia em oposição a retomada do crescimento econômico; v) questões de gênero, raça e classe social e a pandemia, entre muitas outras questões relevantes e interessantes para a ciência e a sociedade.

REFERÊNCIAS

Amorim, W. A. (16 de Abril de 2020). *Economia brasileira e covid-19: um choque desafiador*. Acesso em 22 de Janeiro de 2021, disponível em [jornal.usp.br: https://jornal.usp.br/artigos/economia-brasileira-e-covid-19-um-choque-desafiador/](https://jornal.usp.br/artigos/economia-brasileira-e-covid-19-um-choque-desafiador/)

BBC. (6 de Janeiro de 2021). *Brasil corre risco de nova onda de covid como a Europa?* Fonte: BBC News Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59411130>

Breslin, T. (2021). *Lessons from lockdown: the educacional legacy of Covid-19*. Abingdon: Routledge.

Brodeur, A., Gray, D., Islam, A., & Bhuiyan, S. (18 de Abril de 2021). A literature review of the economics of COVID-19. *Journal of Economic Surveys*, pp. 1007-1044. doi: <https://doi.org/10.1111/joes.12423>

Brodeur, A., Grigoryeva, I., & Kattan, L. (19 de Junho de 2021). Stay-at-home orders, social distancing, and trust. *Journal of Population Economics*, pp. 1321–1354. doi:<https://doi.org/10.1007/s00148-021-00848-z>

Collis, J., & Hussey, R. (2005). *Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação* (2ª ed.). (L. Simonini, Trad.) Porto Alegre: Bookman.

Cursino, F. (23 de Janeiro de 2021). *Virologista faz alerta sobre novas variantes do coronavírus no Brasil*. Fonte: UOL Viva Bem - Saúde: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/19/virologista-faz-alerta-sobre-novas-variantes-do-coronavirus-no-brasil.htm>

Dicio. (2021). *Dicionário Online de Português*. Acesso em 5 de Janeiro de 2021, disponível em Site Dicio.com.br: <https://www.dicio.com.br/expectativa/>

Dweck, E., Rossi, P., & Oliveira, A. L. (2020). *Economia Pós-Pandemia: desmontando os mitos da austeridade fiscal e contruindo um novo paradigma econômico* (1ª ed., Vol. I). São Paulo: Autonomia Literária/Fundação Friedrich Ebert Stiftung (FES/Brasil).

Estadão. (9 de Setembro de 2021). *Variantes da covid-19: como elas são nomeadas?* Acesso em 6 de Janeiro de 2021, disponível em Estadão: Summit Saúde Brasil 2021: <https://summitsaude.estadao.com.br/novos-medicos/variantes-da-covid-19-como-elas-sao-nomeadas/>

G1. (6 de Dezembro de 2021). *Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil*. Acesso em 6 de Dezembro de 2021, disponível em G1: Bem Estar - Vacina: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

IBGE. (2020). *ibge.gov.br*. Acesso em 2 de Janeiro de 2021, disponível em Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>

Lei n. 13.982, de 2 de Abril de 2020. (2020). *Estabelece medidas excepcionais de proteção social durante o período de enfrentamento da Covid-19*. Brasília, DF. Acesso em 30 de Dezembro de 2020, disponível em Diário Oficial da União: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.982-de-2-de-abril-de-2020-250915958>

Lei n. 14.017, de 29 de Junho de 2020. (2020). *Estabelece ações emergenciais destinadas ao setor cultural*. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Acesso em 30 de Dezembro de 2020, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14017.htm

Ministério da Saúde. (2021). *Covid-19: Painel Coronavírus*. Acesso em 6 de Janeiro de 2021, disponível em covid.saude.gov.br: <https://covid.saude.gov.br/>

OMS. (2021). *Dashboard (COVID-19) da Organização Mundial da Saúde*. Acesso em 6 de Janeiro de 2021, disponível em Site da Organização Mundial da Saúde: <https://covid19.who.int/>

OPAS/OMS. (2020). *Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil*. Acesso em 16 de Dezembro de 2020, disponível em [paho.org](https://www.paho.org/pt/covid19): <https://www.paho.org/pt/covid19>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. d. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5ª ed.). (D. V. Moraes, Trad.) Porto Alegre: Penso.

Simonsen, M. H. (Agosto de 1986). Keynes versus expectativas racionais. *Pesq. Plan. Econ.*, pp. 251-262. Fonte: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6038/1/PPE_v16_n02_Keynes.pdf

SOBER. (2021). *sober.org.br*. Acesso em 22 de Outubro de 2020, disponível em Quem somos: <https://sober.org.br/quem-somos/>

Universidade Johns Hopkins. (2021). *Repositório de dados da Covid-19*. Acesso em 5 de Janeiro de 2021, disponível em github.com: https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19/blob/master/csse_covid_19_data/csse_covid_19_time_series/time_series_covid19_deaths_global.csv

Vasconcellos, M. A. (2009). *Economia micro e macro* (4ª ed.). São Paulo: Atlas S.A.

World Bank. (2020). *Global Economic Prospects: june 2020*. World Bank Group. Washington: World Bank.

World Bank. (2020). *Saving Lives, Scaling-up Impact and Getting Back on Track: World Bank Group COVID-19 Crisis Response Approach Paper*. World Bank Group. Fonte: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/136631594937150795/pdf/World-Bank-Group-COVID-19-Crisis-Response-Approach-Paper-Saving-Lives-Scaling-up-Impact-and-Getting-Back-on-Track.pdf>

World Bank. (2021). *Global economic prospects: january 2021*. World Bank Group, Washington.